

REVISITANDO A PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS: A CRÔNICA DE MILTON HATOUM

Ana Carolina da Conceição Figueiredo¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre nas novas (re) configurações do gênero crônica na produção literária do escritor Milton Hatoum. A partir desse tema central, nossa discussão propõe investigar um pequeno *corpus* composto por algumas crônicas de Hatoum, publicadas entre os anos 2006-2010 na extinta *Revista Eletrônica Terra Magazine*. Esses textos, embora classificados como crônica, possuem em sua estrutura textual diversas marcas de outras espécies literárias, como o conto, o poema e o ensaio, denotando uma vertente híbrida que traz ao pesquisador um problema quanto ao conceito rígido de gênero.

Palavras-chave: crônica; hibridismo; autoria; Milton Hatoum; Terra Magazine.

A crônica é “filha do jornal e da era da máquina” (CANDIDO, 1992, p. 14). Com essa afirmação, Antonio Candido historiciza o gênero², como apontam alguns, e leva a discussão para o campo das grandes transformações da era moderna, e que viriam a afetar inclusive o processo de produção e difusão de certas formas literárias. A afirmação do crítico, aparentemente simples, no entanto, vem carregada de significações.

A crônica se estabelece no momento em que o jornal se torna um objeto do cotidiano de um determinado público que cresce e se estabelece como leitor dos *faits divers*. Quanto a isso, a crônica foi considerada efêmera, passageira, relato do cotidiano, o “rés-do-chão”. Quando assumiu o espaço do livro, mostrou-se uma dominante no circuito dos gêneros considerados efêmeros, surpreendendo por sua durabilidade. Nas palavras de Antonio Candido (1992, p. 15), a crônica é “despretensiosa, insinuante, e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Contato: karolfigueiredo@hotmail.com

² Compreendemos o termo gênero na perspectiva de Roberto Acízelo como uma espécie literária. Acízelo (1999, p.14) compara o gênero à espécie animal, que “surge, se desenvolve e desaparece, vencida por outras espécies melhor adaptadas ao meio ambiente, também os gêneros cumpririam o mesmo ciclo.” Queremos ressaltar que não é o nosso objetivo definir a crônica com características bem definidas, ou seja, que sejam possíveis enquadrá-la dentro de um perfil próprio, mas sim pensar a crônica como uma espécie literária em constante evolução. Além disso, a crônica herda marcas de estilo do seu criador, por isso é a “crônica de” Milton Hatoum.

com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor se sinta na força dos seus valores próprios”.

Com o tempo, o gênero foi perdendo o seu objetivo de informar e comentar, ganhando por vezes um tom mais humorístico, e por outras, sua linguagem passou a demonstrar delicadeza, graça e sabor, tornando-se descompromissada, afastando-se, assim, “da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (CANDIDO, 1992, p. 15). Antonio Candido (1992, p. 15) acredita que “a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ao apontar esse caráter de transformação do gênero que se consolida, Candido nos abre para o estudo da crônica um caminho singular, no qual a argumentação, a crítica política, a poesia, o ensaio, o humor e a seriedade se conjugam na formação de um discurso que até hoje nos provoca a pensar a questão da especificidade.

Do ponto de vista de suas condições de produção, a crônica se situa entre o discurso jornalístico e o literário, já que o cronista recolhe os acontecimentos do cotidiano e os mescla à reflexão ficcional. Além disso, ao prever a participação do leitor, o cronista constrói argumentos em tom crítico, desse modo fazendo com que a crônica dialogue com a ambiguidade e a rapidez dos espaços jornalístico e literário. Essa amálgama entre os dois discursos coloca em evidência o caráter flexível da crônica, uma vez que ela consegue agregar temáticas variadas e outros gêneros textuais à sua reflexão, sem esquecer o dado criativo da imaginação.

O gênero literário em questão encontra-se delineada em uma ampla rede conceitual. Críticos literários como Afrânio Coutinho (2003), Massaud Moisés (1968) e Antonio Candido (1992) a compreendem cada um à sua maneira e propõem pensar a crônica em subgêneros.

No texto “Ensaio e crônica”, Afrânio Coutinho (2003) focaliza a marca estrutural da crônica e propõe a divisão em: 1) Crônica-narrativa; 2) Crônica-metafísica; 3) Crônica-poema em prosa; 4) Crônica-comentário e 5) Crônica-informação. Por Crônica-narrativa, Coutinho diz ser o texto que elabora a história nos moldes de episódio e, assim, estaria próxima ao conto. A Crônica-metafísica é aquela a qual o autor faz abordagens de cunho filosóficas levando em consideração os acontecimentos e o homem. Na Crônica-poema e prosa estaria o tratamento de conteúdos líricos, a qual

difere da Crônica-comentário, porque esta comenta assuntos variados. Por outro lado, a Crônica-informação divulga os acontecimentos a partir de curtos comentários.

Em contrapartida, Massaud Moisés (1968) pensa o gênero apenas na qualidade de 1) Crônica-poema e 2) Crônica-conto. Na visão de Moisés, a Crônica-poema organiza “uma prosa emotiva que chega ao verso e a Crônica-conto - cronista narra um acontecimento que despertou sua atenção, como se fosse um conto.” (RIBAS, 2013, p.68). Antonio Candido (1992, p. 21) amplia abordagem e sugere a divisão entre 1) Crônica-diálogo – quando o cronista dialoga com o seu leitor e trocam opiniões; 2) Crônica-narrativa – é o texto em formato de ficção e próxima ao conto; 3) Crônica exposição-poética – quando tece reflexões sobre um acontecimento ou personalidade; e 4) Crônica biográfica lírica – narra poeticamente a vida de alguma pessoa.

A nosso ver, tais definições configuram-se redutoras e lançam a discussão dentro de um arcabouço teórico que, “mais cedo ou mais tarde, esfarelam-se em função da sua inconsistência” (RIBAS, 2013, p. 68). Isso ocorre, porque as definições desenvolvidas sobre o conceito da crônica são limitadas e insuficientes, uma vez que enquadram o gênero em uma rede de características, que se esmigalham quando testadas. Ademais, ao proporem os subgêneros como uma alternativa para fugir do impasse conceitual, essas subdivisões formuladas por Coutinho, Moisés e Candido mostram-se insatisfatórias quando analisadas nas crônicas de Milton Hatoum, por exemplo.

No capítulo “Gêneros literários”, Roberto Acízelo (1999) define o gênero pelo preceito rítmico (prosa e poesia) e histórico (lírico, narrativo e dramático). Nesse sentido, o crítico subdivide o gênero em espécies, colocando o conto, o romance e a novela no esquema das espécies narrativas e deixa a crônica de fora. Acízelo justifica a subdivisão da seguinte forma: “subdividindo os gêneros em suas diversas espécies, e ainda associando as duas classificações, sem contudo misturá-las, pois, como observamos, cada uma delas se funda em critério próprio.” (1999, p.59). Sabemos que a crônica é uma textualidade que nasceu menor, devido ao suporte jornalístico e até mesmo ao aspecto de embrulhar peixe. Todavia, tais concepções não são possíveis na prática, porque grandes escritores fizeram dela o seu material de trabalho, assim, ela também desponta para a escrita artística.

No entender de Maria Cristina Ribas (2013, p. 66-67), “o impasse da definição aqui assumido parece estender-se ao estabelecimento de conceitos na

contemporaneidade, tendo em vista a experiência da diversidade dos objetos, sujeitos e eventos, interpenetração de fronteiras, rapidez da informação, agilidade dos meios, interdiscursividades.” Em outros termos, a performance das novas escrituras e a transitividade do meio cultural contemporâneo não nos deixam ser refém da ilusão de um conceito bem definido, perfeito e pronto.

Dessa forma, entendemos que a crônica reúne, em sua composição, diferentes textualidades contribuindo também para a impossibilidade da definição do gênero. Por sua vez, esse hibridismo contesta a doutrina de que os gêneros são puros, conforme defendia a teoria clássica: “ela não só crê que um gênero difere de outro tanto em natureza como em hierarquia, como também que é preciso mantê-los separados. Tal é a famosa doutrina da ‘pureza dos gêneros’” (MOISÉS, 1968, p. 46). Dessa forma, reconhecer a contaminação de outros gêneros “é reconhecer que essa mistura nada mais é do que uma tendência da literatura contemporânea, numa enriquecedora confluência de gêneros” (SÁ, 1985, p. 26).

A teoria moderna dos gêneros, ao contrário da perspectiva clássica, “não limita o número de possíveis gêneros nem dita regras aos autores” (MOISÉS, 1968, p. 47), mas considera que os gêneros tradicionais podem mesclar e, assim, desenvolver novos tipos de gêneros. Todavia, os novos formatos não resolveram a problemática dos gêneros, porque há discussões incessantes na esteira dos estudos literários, como bem afirma Antoine Compagnon (2010, p. 16), “as respostas passam e as perguntas permanecem. Estas são mais ou menos as mesmas. Há algumas que não cessam de se repetir de geração em geração. Colocam-se antes da teoria, já se colocavam antes da história literária, e se colocam ainda depois da teoria de maneira quase idêntica”.

As abordagens da teoria moderna, quando supõe a mescla dos gêneros, imprime uma liberdade ao escritor em sua produção. O cronista, por exemplo, não tem o tempo a seu favor, por isso escreve com agilidade, pois os fatos diários são rápidos e ele “precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso, a sua sintaxe lembra algo desestruturado, solto, mais próximo da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito” (SÁ, 1985, p. 11). Nesse sentido, fica a cargo do escritor construir a articulação entre gêneros variados e, no caso da crônica-conto, apesar de arrastar consigo o aspecto transitório e ambíguo herdado propriamente do suporte jornalístico,

se ganha um aspecto mais característico, em que se percebe um tratamento mais de acordo com aquilo que entendemos ser ficcional.

Em “A vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido (1992), evoca a ideia de que a crônica “se ajusta à sensibilidade de todo o dia” e é capaz de humanizar, mesmo na sua despreensão, nos auxiliando a traçar uma discussão em torno das crônicas de Milton Hatoum publicadas na *Revista Eletrônica Terra Magazine* no período de 2006 a 2010. Essas crônicas abordam temas variados – educação, violência, corrupção política, religião, preconceito, desmatamento, memórias, entrevistas, literatura, diversidade cultural e infância – em um regime de textualidade híbrida – em que recorre aos poemas, contos, às cartas, aos artigos e ensaios. Por um lado, os textos são enquadrados pelo autor e pela revista na espécie crônica; por outro, muitas delas irão destoar do formato. A análise revela quase sempre uma espécie literária híbrida, que se vai descortinando na leitura atenta e na estruturação de um conjunto poético que, como dissemos, chamamos de “poética de autor”.

Os quatro anos de trabalho de Milton Hatoum como cronista na *Terra Magazine* renderam 55 crônicas. O conjunto desses textos revela um Milton Hatoum equilibrado entre o escritor tido pela crítica como rigoroso e o escritor que lida com a urgência da crônica, previamente dada pelo tempo de publicação exigido pela *Revista Terra Magazine*. Acresce que Hatoum é também um intelectual engajado em causas sociais e nas questões políticas e culturais e por isso também se verifica em seus textos uma vontade de elaborar “uma linguagem que fala de perto”, “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 1992, p. 14).

Das 55 crônicas publicadas pelo amazonense, a crônica “Amazônia: um pouco antes do fim” (HATOUM, 2008a) e “Ainda Amazônia” (HATOUM, 2008b) está enquadrada na temática Crônicas jornalístico-biográfica, porque alertam para as pedras no meio do caminho dos leitores que porventura passem pelo texto distraído. Para que o leitor não tropece nas pedras ideológicas da política, que enganam, aprisionam e alienam, conforme a pedra evocada por Drummond por meio de seu eu-lírico, Hatoum propõe, à moda de Antonio Candido, que o leitor atue de forma a que se torne consciente, ou seja que ele mire a “militância, isto é, participação decidida na realidade com intuito de mudá-la” (CANDIDO, 1992, p. 20).

Em “Amazônia: um pouco antes do fim” (HATOUM, 2008a), o cronista amazonense faz um trabalho de articulação com a linguagem ao tratar do desmatamento da Amazônia. O autor inicia o texto lançando o leitor na discussão e situando-o sobre as atitudes insanas e os interesses econômicos diante das derrubada de árvores. É um texto de denúncia que, se por um lado, aponta a urgência da preservação das florestas no momento em que governadores e ministros jogam com o poder e visam às eleições. Do seu parlatório³, Hatoum chama atenção da sociedade para que ele saia de sua indiferença:

[...] quem autoriza os governantes de Rondônia e do Mato Grosso a defender um desmatamento selvagem por conta de um “desenvolvimento” não menos selvagem? Por que não se discute uma série de planos alternativos e viáveis para a Amazônia com a participação de pesquisadores, cientistas, economistas, antropólogos e outros representantes da sociedade civil [...] os ribeirinhos, os índios, os milhões de brasileiros que moram nas capitais da região não têm nada a dizer sobre os lugares que conhecem profundamente? [...] (HATOUM, 2008a).

Em espécie de crônica-resposta, “Ainda a Amazônia” (HATOUM, 2008b), o autor tece diálogo com um leitor que o acusa de generalizar um assunto discutido em “Amazônia: um pouco antes do fim” (HATOUM, 2008a). Isso o leva a pensar sobre a autonomia do escritor, quando dedica a crônica de 23 de junho de 2008 a esse leitor. Assim, se a crônica demanda um tempo de escrita, conjectura-se que “Ainda a Amazônia” elabora uma “conversa barulhenta” e uma necessidade do autor de responder a esse leitor e, ao mesmo tempo, inferir que as distâncias a separar autor e público podem ser encurtadas, de acordo com a disponibilidade do escritor de ouvir e dialogar ou ainda por conta das mudanças do contexto mercadológico e social, de que são testemunhas as redes sociais e a Internet, meios pelos quais os autores e o público podem interagir com mais possibilidades e facilidades, e que entendemos serem aspectos positivos da globalização:

³ Entendemos o parlatório como um lugar de reclusão, onde é possível estabelecer uma conversa informal com outras pessoas. No caso de Milton Hatoum, o parlatório consiste no intervalo entre uma publicação e outra, tendo em vista que Hatoum é um escritor que escreve com parcimônia, pois prefere o manejo estilístico sem demonstrar preocupação com os prazos a serem cumpridos. Assim, a expressão “o silêncio de seu parlatório” designa a ideia de não aderir às investidas do mercado editorial, que exige dos escritores uma produtividade contínua sem um tempo esparso de publicação. Desse modo, vemos um Milton Hatoum que preza pelo artesanato textual. Por outro lado, apesar de recolhido em seu parlatório, Hatoum mantém uma espécie de conversa informal com o público através da sua crônica.

Vários leitores me enviaram mensagens com comentários sobre a crônica *Amazônia: um pouco antes do fim*. Um senhor simpático – que há trinta anos mora em Rondônia – argumentou que o plantio de soja fertiliza o solo duro da região. O solo nu, desmatado; o solo que acolhe o novo milagre redentor, o maná do novo eldorado: a soja. Esse leitor criticou a generalização do meu texto, dando a entender que eu desconheço a região amazônica (HATOUM, 2008b).

Na perspectiva de Jacques Derrida (1986 apud YVES STALLONI, 2003), “Um texto não poderia pertencer a nenhum gênero. Todo texto participa de um ou mais gêneros, sempre existe gênero nos gêneros, mas essa participação jamais significa um título de pertença.” Essas considerações servem como contestação para o pensamento sobre as formas consagradas do gênero, herdadas dos gregos e que parecem limitar a categoria dos gêneros literários.

O hibridismo presente em “O pai e um violinista” (HATOUM, 2006c), a qual tematiza uma espécie de crônica-ensaio-conto, elabora uma interlocução entre os gêneros crônica/ensaio/conto perfazendo, desse modo, uma estrutura textual dividida em quatro partes, encharcada de uma temática voltada para as relações familiares. A perda de um pai, por exemplo, salta logo como discussão revestida de tonalidade das lembranças e recordações: “Quem já perdeu um pai sabe disso e sente essa ausência com pesar. Ausência é um vazio na vida. [...] Às vezes você lamenta não ter conversado mais com o seu pai, não ter convivido mais tempo com ele. E essas lacunas se perdem para sempre” (HATOUM, 2006c).

No entanto, há os pais terríveis, opressores e tirânicos retratados na ficção. É por esse viés de discurso ensaístico que a segunda parte da crônica de Hatoum encena uma espécie de reflexão literária sobre o pai castrador abordado no livro *Carta ao pai*, de Franz Kafka (1997): “Um pai que não se conforma com um grão de felicidade do jovem Franz” (HATOUM, 2006c). Há uma discussão chave em torno desse fragmento, que o próprio texto ressalta: “Não se sabe – ninguém saberá – até que ponto o pai de Kafka invocado no livro é totalmente verdadeiro. Pode ser também uma construção ficcional. Ou uma mistura de ambas as coisas” (HATOUM, 2006c). Tal abordagem hipotética ficará a cargo da imaginação do leitor, do que será da parte do real e/ou da parte da ficção.

A terceira parte confirma a hibridização em “O pai e um violinista” (HATOUM, 2006c), porque, após a abordagem de um breve comentário ensaístico, a narrativa passa a ser conduzida por um narrador autodiegético com diálogos entre ele e o pai de seu amigo: “[...] o senhor pode adiantar o assunto? Meu filho, respondeu. Ele queria que eu convencesse o filho a abandonar a música para se tornar um grande arquiteto [...]” (HATOUM, 2006c). Nesse sentido, o amigo iria abandonar a faculdade de arquitetura para seguir a carreira de violinista, ao ouvir isso, o pai disse: “Dois idiotas, você e meu filho, disse o pai. Vão morrer de fome” (HATOUM, 2006c). Tempos depois, o narrador foi visitar o amigo, que estava doente, e foi quando soube que este ganhava a vida como operário e há quatro anos não falava com o pai, motivo pelo qual “estava fraco e deprimido. Parecia a pessoa mais triste do mundo. Ele me deu a impressão de que não era um expatriado, e sim um exilado, um ser banido e seu país e de sua família. Falou no desejo de reconciliar-se com o pai e perguntou se eu poderia ajudá-lo” (HATOUM, 2006c). No entanto, o amigo morreria jovem sem se reconciliar com pai. Para surpresa do narrador, durante um passeio por uma praça de São Paulo com o filho, ele reencontrou com o pai do seu amigo violinista:

A vida é sempre mais complexa e imprevisível do que a literatura. [...] Não sei o que aquele homem velho e abatido pensou enquanto me olhava. Nem soube decifrar no olho o sentimento dele. Parecia um estranho.

De fato, éramos estranhos.

Fui embora de mãos dadas com a criança, pensando como a incompreensão ou a loucura de um pai pode abismar o destino de um filho.

Nunca mais voltei àquela praça (HATOUM, 2006c).

A crônica se configura como gênero ou espécie que se quer expressiva por atuar também como registro de memória, subjetividade, percepção, breves reflexões teóricas e mesmo análise das relações humanas, o que deixa o escritor à vontade para se exercitar nos diversos discursos, característica desse hibridismo que a todo momento estamos apontando. Para Margarida de Souza Neves (1992, p. 82):

[...] a crônica aparece como portadora por excelência do “espírito do tempo”, por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente causais do cotidiano, que registra e

reconstrói, como pela complexa trama de tensões e relações sociais que através delas é possível perceber.

Na crônica-ensaio “A vez do leitor” (HATOUM, 2008d) o autor insinua uma breve reflexão sobre o papel do leitor no romance: “agora só o leitor pode interferir no texto publicado e imaginar situações diferentes, multiplicar conflitos, refletir sobre coisas que jamais passariam pela cabeça do autor-narrador” (HATOUM, 2008d). Em outras palavras, os vazios e os por dizeres presentes nas entrelinhas do texto ficarão a cargo da imaginação e interpretação do leitor, “ou melhor, com a “escrita” invisível do leitor, porque este é soberano” (HATOUM, 2008d).

Aqui, entende-se, não o leitor na concepção de certas correntes teóricas que valorizam e concedem um grau de importância ao leitor em detrimento do autor, por exemplo, mas percebem-se apontamentos que recoloca o leitor em diálogo com o texto. Vê-se o leitor na condição de um ser que mantém uma espécie de relação com a obra, alguém que a continuará reescrevendo, tendo em vista que “o gesto do leitor faz parte de um processo sem fim porque sua imaginação não para de reescrever o livro” (HATOUM, 2008d). Nesse viés, a voz autoral do ensaio compreende o leitor como um coautor, pois “com o tempo, o autor e sua biografia são justamente esquecidos ou relegados a um plano secundário, um plano que pouco tem a ver com a literatura. Do leitor depende a vida mais ou menos longa de um livro” (HATOUM, 2008d).

As crônicas supracitadas consistem em textos de fruição (BARTHES, 2015), as quais permitem questionar a ideia da crônica classificada como gênero menor. Sabemos que tal nomeação refere-se ao tempo de escrita da crônica, mais breve do que o tempo da produção de um romance, por exemplo. Entretanto, a qualidade de gênero menor diz respeito também a seu caráter extraliterário, já que se encontra à margem do processo de elaboração, difusão e consumo dos gêneros considerados canônicos ou prestigiosos. Compreendemos que as leituras das crônicas da *Terra Magazine* desconstroem essas afirmações e mostram que o enquadramento dessa produção na qualidade de gênero menor não é mais pertinente, uma vez que na qualidade de texto que age sobre o horizonte de expectativa do leitor e ganha novas reconfigurações, especialmente na contemporaneidade. Podemos concluir que o gênero / a espécie crônica adquiriu ao longo do tempo “uma identidade literária coletivamente reconhecida” (JOUVE, 2012, p. 32) para desespero dos críticos opositores.

É importante esclarecer que, apesar de não concordamos com as divisões rígidas da crônica em categorizações, optamos por separar as crônicas de Hatoum em temáticas, porque a nossa pretensão não é fugir do conceito e das armadilhas, mas entender que qualquer uso das categorizações esbarra em uma série infinda de limitações. Além disso, é válido ressaltar que “isolar a crônica para conceituá-la numa pretendida independência, como se isso lhe garantisse o status de gênero e preservasse o seu campo de atuação, é ainda um sonho romântico.” (RIBAS, 2013, p, 72).

Essas discussões sobre o conceito ardiloso do gênero crônica e as leituras de análises interpretativas dos textos da TM nos possibilitaram compreender a crônica como filha de seu criador, o que induz pensarmos em estruturas textuais constituídas de características transmitidas no processo de criação. Essas combinações textuais resultam em marcas de estilos e configuram uma singular poética de autor, por isso preferimos defender a ideia de que a crônica é sempre “crônica de”, no caso, de Milton Hatoum. Assim, a poética de Hatoum possui caráter didático e estruturante, ainda que construída sob um gênero contestado, um capital que não se pode negar de todo, mas ao qual não podemos nos submeter.

Referências

ACÍZELO, Roberto de Souza. Gêneros literários. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *Introdução aos termos literários*. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2003, v. 6.

HATOUM, Milton. Amazônia: um pouco antes do fim (09 jun. 2008a). <http://terramagazine.terra.com.br>. Acesso em 27 de novembro de 2008a.

_____. Ainda a Amazônia (23 jun. 2008b). <http://terramagazine.terra.com.br>. Acesso em 27 de novembro de 2008b.

_____. O pai é um violinista (27 nov. 2006c). <http://terramagazine.terra.com.br>. Acesso em 27 de novembro de 2008c.

_____. A vez do leitor (07 abr. 2008d). <http://terramagazine.terra.com.br>. Acesso em 27 de novembro de 2008d.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

MOISÉS, Massaud. Gêneros Literários. In: *A criação literária: a introdução à problemática da Literatura*. 2. ed. rev. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: _____. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

RIBAS, Maria Cristina. Destecendo a rede conceitual da crônica: discussões em torno da crítica e projeções no ensino do gênero menor. *Revista Encontro*, Departamento de História do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, 2013, p. 63-85.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SATALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Trad. e notas Flavia Nascimento. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.